

**A MISÉRIA COMPLETA, O PIOR DOS MALES?
A DOR E O SOFRIMENTO NOS EPICURISTAS E NOS UTILITARISTAS¹¹**

J. A Colen
Centro de Ética Política e Sociedade
Universidade do Minho
orcid.org/0000-0003-0270-7416

Richard Rorty, um filósofo pragmático americano, no seu livro *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, imaginou que uma expedição da Terra chegou a um planeta “habitado por seres como nós—bípedes sem penas que constroem casas e bombas, e escrevem poemas e programas de computador”. Eram os antípodas, pessoas que (apesar de viverem talvez de cabeça para baixo) são em tudo semelhantes a nós, mas que não sabem que têm mentes e, portanto, não falam de estados mentais nem explicam a diferença entre “pessoas” e “não-pessoas” através de noções como “mente”, “consciência” ou “espírito”.

Mesmo aqueles que acreditam na sua imortalidade – ou na dos animais e robots – falam só da ressurreição do corpo. Mas o seu conhecimento de fisiologia era tão avançado que todas as frases bem construídas correspondiam a um estado neuronal imediatamente identificável. Como ele relata:

A neurologia e a bioquímica tinham sido as primeiras disciplinas nas quais grandes sucessos tecnológicos tinham sido alcançados, e grande parte da conversa do povo estava relacionado com o estado dos seus nervos. Quando as suas crianças se dirigiam para fogões quentes, as mães, gritava ‘Ele vai estimular as suas fibras nervosas-C.’

Isto não acontecia só na conversa com outros habitantes do planeta, mas até na solidão, e as pessoas descreviam as suas ações com frases como: “Fiquei subitamente no estado S-296, portanto pus lá fora as garrafas de leite”.

Até à chegada da expedição da Terra, os antípodas não sabiam que lhes faltava o conceito de mente. Os terrestres, contudo, não se libertavam dos seus preconceitos e insistiam em perguntar-se: “Será que têm mentes?” – como os conquistadores espanhóis, quando se confrontaram, pela primeira vez, com os índios da América recém-descoberta, insistiam em perguntar-se se estes tinham

¹¹ “A miséria completa, o pior dos males? A Dor e o Sofrimento”. In Gonçalo Silva, António Morais e Miguel Oliveira, ed. *Da Inquietação Filosófica. Conversas sobre Questões de Vida ou de Morte*. Carcavelos: Editorial Aster, 2022, pp. 81-90.

pecado original ou se tinham alma (uma teimosa superstição!). Mas a dor tem certamente uma dimensão “mental”.

Com efeito, a dor é um estímulo intenso que atravessa o nosso corpo da periferia para o cérebro. O estímulo é transmitido inicialmente (como julgavam os antípodas) através das fibras C até à medula e daí para o cérebro. Mas apesar das fibras C serem muito finas transmitem esse sinal de forma mais lenta e suave do que o caso das fibras A-delta (mais espessas porque têm uma proteção de mielina), que transmitem o sinal de forma mais aguda e rápida. No caso das fibras A-delta, com mielina, a condução do estímulo é saltatória e às vezes funciona como um reflexo. A dor avisa-nos de que não devemos por as mãos no forno porque este está quente. Mas claro, dizer isso sobre a dor, é dizer muito pouco sobre o que nos faz sofrer.

A DOR CLÍNICA

A Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP), uma sociedade científica que deveria instalar depressa um novo “Capítulo” ou filial no planeta dos antípodas, diz que a dor é uma “experiência sensorial e emocional desagradável associada, ou semelhante, ao dano nos tecidos, seja real ou potencial”.

A dor é muito útil porque evita muitas situações prejudiciais, leva a fugir das suas causas, a proteger o corpo e ensina a evitar estes perigos no futuro. Ensina-nos a evitar o que é perigoso para o nosso corpo, por condicionamento, como Ivan Pavlov ensinava os seus cães (mas Pavlov, um cientista russo especializado em digestão que lia médicos gregos como Hipócrates e Galeno, não condicionava os cães com choques elétricos, mas sim fazia-os salivar com apitos).

A dor é além disso muito útil para a medicina: nos países ricos, onde é menos provável que na África subsariana que o corpo fique cheio de pústulas ou defina com fome, sentir dor é o “apito” que leva a maioria das pessoas a procura um médico. Nos diagnósticos médicos a dor é um sintoma de uma condição subjacente.

Por isso mesmo, no caso dos bebés ou crianças muito novas, ou aqueles que por qualquer razão têm dificuldade em exprimir a dor que sentem, é muito importante “fazer a dor falar” por elas, por assim dizer. Como não sabem explicar-se, em vez de se usarem escalas numéricas para avaliar a dor, medindo-a de 0 (nenhuma), ou suave (1 a 3) e moderada (4-6) até grave (de 7 a 10), usam-se escalas de faces, como a escala de Wong-Baker.

Não são só as faces que revelam a dor sem palavras: há escalas que prestam também atenção à posição das pernas (e do corpo em geral), aos barulhos, caretas e até à dificuldade que sentimos em consolar ou distrair a criança, como nas escalas FLACC e CRIES. Porque às vezes a dor pode ser sentida com menos intensidade (ou esquecida) se estamos excitados, ou porque nos distraímos para nos focar noutra coisa.

É que a dor é complicada e tem muitas variáveis: pode ser dor numa parte do corpo (doí-me o pé) ou generalizada (doí-me a “alma” e tenho fibromialgia); pode ser aguda (muito intensa) ou crónica (duradoura, embora às vezes intermitente). A dor pode também resultar de uma lesão corporal ou ser psicossomática, mas, paradoxalmente, num e noutro caso a dor é real e às vezes cura-se com placebos.

Às vezes não é claro porque “apita” a dor, pois surge quando o estímulo (a salivação, o sabor amargo na boca, por exemplo) não é normalmente doloroso. Chama-se “alodimía” a essa dor que corresponde a um estímulo não álgico. Há dor quando o membro amputado já não existe (a dor “fantasma” dos feridos de guerra); ou quando não há nada a fazer, como a dor cancerosa. Parece que às vezes a dor é simplesmente “desagradável” (para não dizer mais) sem que evite nada, nem nos leve a fugir de nada, nem a proteger nada. Mas ainda assim, muitas vezes, a dor é menos perigosa que a insensibilidade ou “assimbolia” que não nos avisa nem nos protege dos mil perigos quotidianos que a dor evita. Um mau posicionamento no andar pode tornar-se numa ferida em escara se não sentirmos o desconforto da dor.

A dor é um desarranjo qualquer que explicamos pelo mecanismo neurológico: pode ser nociceptiva, quando o estímulo, que pode ser térmico, mecânico ou químico, é captado pelos sensores nervosos; ou neuropática, quando não há estímulo e o sistema nervoso está alterado; ou nociplástica (como na fibromialgia), chamada durante muito tempo psicogénica, assim chamada quando provocada duradouramente por fatores mentais ou emocionais e não há estímulos nem problemas no sistema de condução da dor.

Cada uma destas classificações admite divisões: por exemplo, a dor nociceptiva, quer dizer, a dor que sentimos quando há um estímulo, pode ser somática (ossos, músculos, articulações) ou visceral (as vísceras incluem o coração).

Nós tratamos tudo de modo clínico. O médico investiga qual é a região do corpo envolvida (os membros ou o estômago), o sistema afetado ou “desarranjado” (ótico ou gastrointestinal), a duração (crónica ou aguda), o padrão (matinal, vespertina, contínua ou ondulante), a intensidade e, se tudo correr bem, a causa. Se não corre bem as idas ao médico passam a fazer parte da nossa vida

Para nós a dor interfere com a qualidade de vida, implica perda de produtividade por dias de doença (o que preocupa os economistas) e até nos pode deixar completamente incapacitados para o resto da vida (o que preocupa a nossa família). Alguns perdem o desejo de viver. Porque a dor estraga qualquer prazer (o inverso não parece ser verdade: o prazer não nos faz esquecer a dor, mas muda ou modela o que sentimos, às vezes ao ponto de a esquecer).

A DOR SEGUNDO OS EPICURISTAS

No *Filebo* de Platão, os personagens argumentam que há uma simetria quase perfeita entre a dor e o prazer. O prazer consiste no restabelecimento do estado natural das coisas, o que parece claro no caso da dor física (se temos uma luxação, quando o osso volta ao lugar dizemos ao médico: está bem, não lhe mexa mais!). O prazer é a geração do estado natural das coisas e a dor é a sua corrupção, mas há um estado neutro onde não há nem dor nem prazer. O prazer e a dor só importam quando são intensos, quer dizer, quando ultrapassam um certo limiar e tomamos consciência deles.

Para os antigos epicuristas gregos e romanos, pelo contrário, dor era uma coisa imediata, um mal evidente. Ainda é assim, mais de mil anos depois, para John Milton, o funcionário público, polemista e poeta inglês que no *Paraíso Perdido* escreve: “(...) a dor é a miséria completa, o pior dos males e, excessiva, vence toda a paciência”. Nada sobrevive a uma dor suficientemente intensa e prolongada.

Nós afastamo-nos da dor e procuramos o prazer. Toda a gente faz isso, até os cães e os gatos, “os infantes e os idiotas” da doutrina oficial (para os antigos gregos e romanos é tudo a mesma coisa: não têm racionalidade). Mesmo eles, que não estão sujeitos às convenções sociais, nem são produtos da “cultura”, procuram o prazer e afastam-se da dor. É algo natural, pré-racional. Podíamos julgar que é algo cultural ou até que tem um valor moral, mas segundo os epicuristas, não é nada disso: até os cães, os gatos e os bebês fogem da dor.

A dor é o que nos parece mais íntimo, próximo de nós. É possível que haja quem (pensando ou elaborando uma teoria racional qualquer) fuja do prazer e persiga a dor, como um asceta ou um cínico, ou o “homem autêntico” nietzschiano que resiste ao prazer porque o prazer engana (o prazer é um aldrabão que não cumpre o que promete, pois nunca dura). Mas a dor é muito mais clara, não há nada que enganar: é má.

A tese de Epicuro parece muito simples. O prazer é bom e a dor má. Uma trivialidade. Mesmo quando suportamos a dor, não o conseguimos fazer sem violentar a natureza. Custa. A dor desequilibra o nosso ser natural enquanto o prazer é o estado natural que nos é próprio. No nº 37 das *Sentenças Vaticanas*, uma coleção de citações de Epicuro e outros epicuristas, preservada num manuscrito do século XIV, afirma-se: “quando enfrenta o mal a natureza é fraca, mas não quando confronta o bem, pois o prazer salva a natureza, e a dor destrói-a”. Epicuro diz que o prazer é o bem (não só algo bom) e a dor é o mal (e não só algo mau).

Epicuro opõe-se a Aristóteles, que tinha combatido o “hedonismo” dos pré-socráticos que diziam que toda vida é apenas uma busca do prazer e a satisfação dos desejos do corpo. Defendia Aristóteles que não é humano perseguir apenas o prazer, o que é humano é perseguir o fim natural do homem, a felicidade.

Mas segundo Epicuro, isto pressupõe que a natureza é muda, mas não é – há prazer ou dor, nunca há silêncio. Aristóteles apelava ao que temos em comum com

os outros homens: a ânsia de felicidade. Às vezes não sabemos o que nos faz felizes. Epicuro apela ao que nunca falha: as emoções.

Sabemos sempre se sentimos dor ou não. Isso é o que indica o que é ‘conveniente’ e o que não é, o que está bem ou mal. O prazer não é algo extraordinário, é a situação normal, o que é próprio de nós. É a dor que nos distancia de nós mesmos, nos desequilibra. Cícero sentia repugnância pela teoria de Epicuro: “Como é miserável o destino da virtude ao tornar-se escrava do prazer”, diz no seu livro *Sobre os Deveres*.

Mas as opiniões não interessam. Segundo os epicuristas, o prazer e a dor não dependem da “opinião” ou de fatores culturais (ou de “convenções” sociais), nem do que percebemos como bem (segundo a razão). É algo imediato, tão imediato como uma pedra. A dor é um intruso e o prazer a simples plenitude de si mesmo: se o prazer é imediatamente natural, então o bem está já na nossa posse (basta não o estragar; não precisa de ser examinado ou ponderado).

Os epicuristas afirmam que a dor tem a ver com qualquer coisa que é uma ameaça à existência. A existência está em perigo – não num perigo qualquer, mas num processo de dissolução. A dor indica que qualquer coisa está a ser destruída, mas ainda vive (os médicos às vezes dizem com humor negro ao paciente: se tem mais de setenta anos e não lhe dói nada é porque já morreu). O sujeito tem de existir para ser destruído. Pode haver partes em destruição; não é um ser em bloco. Mas não nos pode doer tudo, senão morreremos.

A dor é uma variação em si de um ser que tem um desarranjo de partes. A dor significa que o sujeito está num estado não-natural. A dor é o eu fora de si. A dor não é só uma coisa má, é uma indicação pela natureza de que algo corre mal. É a própria natureza a indicar que a natureza está a correr mal.

LUCRÉCIO

Em vez de fragmentos de textos e aforismos citados por outros, Lucrécio é o único epicurista que nos deixou uma obra completa, intitulada *De Rerum Natura*, uma obra de “física”, na tradição dos tratados gregos sobre o cosmos. Mas Lucrécio escreve como um epicurista coerente cuja visão do cosmos é também a receita para a felicidade completa, que consiste em viver o prazer no presente, sem deixar que o pensamento sobre o futuro nos desequilibre, nos afaste de nós mesmos.

Não podemos viver no futuro; temos que espremer o prazer presente. O futuro é fonte de intranquilidade. O final da terceira parte do poema é uma diatribe contra o medo da morte. A morte é simplesmente aniquilação e temer um futuro estado de morte envolve um erro lógico: é preciso imaginar-se presente e lamentar a nossa própria inexistência (é, portanto, paradoxal).

O prazer sexual, tratado no Livro IV, inclui uma diatribe paralela contra a paixão erótica: Lucrécio ridiculariza a loucura de se escravizar a um indivíduo qualquer, em vez nos limitar-nos a saciar os desejos.

A chave da felicidade é levar uma vida de tranquilidade imparcial, assente em apetites modestos e facilmente satisfeitos, e evitar ambições elevadas que inevitavelmente trazem consigo inquietações. Não há só dor física, como quando temos uma fome insaciável. Há dor por causa dos desejos não-alcançados – às vezes estes desejos são tão fortes que sentimos dor. O prazer tem a ver com a realização do desejo. Só quando acalmo o desejo é que sou naturalmente eu mesmo. O prazer tem a ver com a medida e controlo do desejo e o problema não é só físico: é a tristeza. Tudo pode ser reduzido a um cálculo de prazer e dor.

Os utilitaristas do século XVIII dizem uma coisa parecida: “temos dois senhores, a dor e o prazer”, diz Bentham na *Introdução aos Princípios da Moral e da Lei*. É preciso fazer um cálculo. A educação só interessa porque traz prazer, por exemplo.

John Stuart Mill foi educado rigorosamente de acordo com os princípios utilitaristas. Aos 8 anos tinha já lido as *Fábulas* de Esopo em grego, a *Anábase* de Xenofonte e toda a obra de Heródoto.

Sabia tudo de história em inglês e começou a ler o latim, a estudar a geometria de Euclides e álgebra. Leu os principais autores latinos e gregos ensinados nas escolas e universidades e, aos 10 anos podia ler Platão e Demóstenes com facilidade. Por volta dos 12 anos, começou um estudo completo da lógica escolástica, ao mesmo tempo em que lia os tratados de lógica de Aristóteles no original. Aos 13 estuda a economia política de Adam Smith e de David Ricardo.

Nunca leu novelas, nem esteve apaixonado. Ao atingir a maioridade teve uma depressão. Não se sabe bem que desejo não realizado provocou a sua profunda tristeza, mas resolveu-se a reformular completamente o utilitarismo do seu mestre Bentham e do seu pai.

O prazer decai, é instável (É como um seixo rolado que salta na água e depois se afunda, diz Kierkegaard). O prazer produz “hiatos” na existência. São sempre posições instáveis com hiatos de não-prazer que negam a unidade da existência, porque ninguém vive exclusivamente no presente. A dor estende o seu alcance pelo medo e auto-compaixão por si próprio no futuro, como notava Lucrecio. A dor que dura um instante, por mais intensa que seja, é comparativamente fácil de suportar. Todas as pessoas têm algo de amanhã.

A INEVITABILIDADE DA DOR

Que devemos evitar a dor e buscar o que nos dá prazer parece-nos hoje uma coisa de senso comum; entre os gregos e os romanos fazia-se apelo a uma experiência primária; os utilitaristas fazem apelo a uma teoria. Devemos talvez considerar que a dor não é o mal supremo, ou pelo menos as pessoas comportam-se como se não fosse: os atletas fazem exercícios cansativos, as pessoas submetem-se a cirurgias dolorosas para viver mais uns anos com o seu cancro, os modelos

fazem cirurgias estéticas, os jovens furam as orelhas e os umbigos com ou sem sobriedade (se isso fosse forçado seria considerado uma mutilação).

Diz-se que é questão de intensidade da dor, mas não é: a quimioterapia envenena o corpo ao mesmo tempo que se espera que envenene o que quer que provoca o cancro; a dor de parto é das mais intensas e há quem dispense a epidural (mesmo se às vezes se arrependa a meio).

Talvez não seja só porque somos complicados e incoerentes, mas porque tentar excluir totalmente a dor física, e em geral o sofrimento, é também impedir o crescimento e amadurecimento. O “contentamento” do prazer não é a felicidade (pelo menos não foi para Stuart Mill).

A bondade é às vezes identificada com a virtude, mas virtude não é “filantropia” ou amor pela humanidade. Implica vergonha e culpa, quer dizer, um fogo que purifica. Essa purificação é dolorosa: para o corpo e para a mente. Mas só a experiência da dor nos faz amadurecer: faz-nos sair do infantário para a vida real.

A dor física é inevitável. O corpo está sujeito a rugas, manchas e doenças. Por definição não é impassível. Mas o sofrimento não é só a dor pelos desejos não realizados. “Eus” que são “bípedes sem penas” como dizia Platão e Rorty parafraseou, que constroem casas e bombas, e escrevem poemas e programas de computadores, desde que tenham desígnios diferentes, não podem relacionar-se com outros sem a possibilidade de infligir ou sofrer dor. A certeza do sofrimento é inerente à própria existência de um mundo onde se encontram as diferentes “mentes” que os Antípodas ignoravam até à chegada dos terráqueos. Se há liberdade da vontade, haverá malícia, mal, dor infligida: feridas de baionetas e bombas, grilhões e escravatura, crueldade e pobreza.

O mal e a dor são o resultado da oportunidade de exercer o livre-arbítrio com consequências, quer dizer, sem que um deus suspenda o nosso gesto violento cada vez que fossemos cruéis ou injustos (um mundo em que os milagres não fossem a exceção divina, mas a regra). Um mundo onde assassinos cruéis disparam a pistola, mas as suas balas nunca atingem ninguém.

No mundo físico, a dor tem um papel que parece claro mesmo aos Antípodas. Abaixo de certa intensidade (como dizem os personagens do *Filebo*) a dor transmitida ao cérebro pelas fibras C ou A-delta advertem do perigo. Tal como o medo, a dor é um “apito” que avisa.

O remorso e a vergonha têm esse papel no plano das relações humanas. Mas o remorso é mais fácil de ignorar, enquanto a dor tem um modo próprio de se impor, de desmascarar. É um estado de espírito tanto como um fenómeno físico e é mais facilmente reconhecida como um mal que qualquer culpa moral (apagar um cigarro na mão, para mostrar força de vontade, dói). A dor é má, é algo estranho que se cola em nós e não se vai embora, intromete-se em nós mesmos. Relativamente à dor estamos desprovidos de proteção: ela penetra.

Os maus homens, parece-nos às vezes, merecem sofrer. Os castigos são úteis na educação. Na vida adulta, as injustiças exigem reparação, uma pena. A palavra “pena” (do grego: Πονή ou *poine*) é a raiz das palavras “dor” e “tristeza” em francês (“peine”) e inglês (“pain”) e possivelmente em muitas outras línguas. As penas não têm só o papel de dissuadir do crime: parecem-nos justas a partir do momento em que o crime é monstruoso. É justo que o criminoso receba a pena que merece (tantas vezes não merece, julgamos hoje, visto que devemos tanto à lotaria genética e social; os antigos também reconheciam a fragilidade da bondade, mas eram mais estritos na exigência de uma reparação; de onde virá a diferença?).

O VALOR DO SOFRIMENTO HUMANO

A inconsistência com que evitamos a dor, mas depois a procuramos não é só uma excentricidade individual de quem faz tatuagens sem anestesia ou cirurgias estéticas. É certo que na maior parte das culturas se admirou aqueles que ultrapassam dor e o sofrimento por causas valiosas. Mais, em certas situações, a verdadeira pedra de toque da dedicação é o martírio pela causa. O prazer não pode ser sinal dessa dedicação: o que é fácil não merece admiração e menos ainda louvor. Só na ausência de prazer provamos o amor.

O bem e o justo são agradáveis, proporcionam prazer – devemos reconhecer – mesmo que não aceitemos a equação “prazer = bem”, como os epicuristas e utilitaristas. Até aqueles que combateram o hedonismo acabam por reconhecer que um resultado da “virtude” é que torna mais fácil e agradável fazer o bem. Centra-nos; devolve-nos ao nosso estado natural. John Rawls quando tentou explicar porque uma sociedade justa seria estável chamou a este efeito da justiça o “princípio aristotélico”.

Mas parece-nos que só na ausência de todas as inclinações meramente naturais para o prazer é que as nossas ações adquirem valor moral (será influência da severidade de Kant? As coisas árduas são as que têm valor. Se não há dor, não há ganho. O desportista e o alpinista dão valor aos seus feitos na medida em que implicam esforço físico, doloroso, e nós não achamos isto estranho. Os filósofos dizem o mesmo, mas vão mais longe. No diálogo intitulado *Fédon*, Sócrates diz aos seus companheiros Símiias e Cebes, pouco antes de morrer “Outras pessoas não se dão conta de que o único fim daqueles que praticam a filosofia de maneira adequada é a prática para o morrer e a morte”. A vida com valor é uma preparação da morte.

É como se as “experiências desagradáveis” que parecem um dano dos tecidos, real ou potencial, que o paciente (que somos nós) evita e detesta, não fossem o maior mal. Não é só porque as pessoas são incoerentes e se comportam assim (e fazem dietas e piercings) que o sofrimento humano tem valor, mas porque ajudam a “dobrar a nossa vontade”, a morrer um pouco, diariamente, porque a dor não só revela, mas abre-nos aos outros e ao mundo. Forja o carácter de uma maneira que

mais nada é capaz. É a dor que retira do bloco de mármore a estátua que só Miguel Ângelo via nele em potência.

É talvez a experiência mais poderosa e reveladora: mais que o uso da autoridade ou o desejo de saber é a dor que revela a nossa humanidade. A dor que inclui o sofrimento físico, as tribulações, a angústia, a adversidade que não conseguimos enfrentar, impede-nos de nos absorvermos em nós próprios, no conforto de um pequeno mundo. É um “desarranjo”, mas um desarranjo que dá forma ao carácter, como se um deus se servisse do megafone da dor para quebrar as nossas ilusões de autossuficiência. É o megafone de um deus que nos quer esculpir.

O “MISTÉRIO DO MAL”

A dor, contudo, não nos parece só o megafone de Deus num mundo surdo, o corretivo necessário para curar, para remediar as estruturas (porque nos parece cada vez mais inverosímil que não sejamos pessoalmente inocentes: não matámos ninguém: é a sociedade que é má). Mas até as imparciais leis da natureza (uma praga, um terramoto, um incêndio) causam dor e sofrimento, como se um deus maligno tivesse dado à natureza permissão para torturar as suas criaturas. Nem todo o sofrimento se deve à relação com outros seres livres – embora provavelmente seja aquele a que nos resignamos com mais dificuldade. E isso parece-nos incompreensível, uma prova de que Deus ou não é bondoso ou não é todo-poderoso (a razão por que alguns filósofos como Voltaire tinham a certeza de que não há Deus), pois admite a dor dos inocentes, a injustiça que sofrem os simples e as pragas que sofrem justos e injustos indiscriminadamente. O que não devia revoltar-nos contra Deus, mas simplesmente fazer-nos encolher os ombros: a vida é injusta; não há nenhum mistério.

Claro, para os que acham que a dor é um desarranjo temporário de um corpo perecível, e que a injustiça será corrigida noutra vida. A crença nesse Deus remunerador é a grande consolação: o “ópio do povo”, como dizia Marx. O ópio é tanto mais reconfortante para os crentes quanto durante milénios não havia outras formas de anestésiar a dor senão o álcool (o clorofórmio só foi descoberto em 1831 e a anestesia nas cirurgias só se torna habitual no princípio do séc. XX).

A dor dos inocentes deve ser evitada (o que não é possível), mesmo se é admirável. É tão admirável que se há justiça, a dor presente será compensada de algum modo. A dor requer a transcendência. Ou uma atitude estoica que nos leve a aceitar o que não podemos evitar e viver “de acordo com a natureza”, impassivelmente.

Textos citados:

<https://www.iasp-pain.org/resources/terminology/#pain> consultado em 3 de setembro de 2021.

Cícero, *De Officiis*, Livro III, 117.

Epicuro, *Sentenças Vaticanas*, nº. 37.

Isaiah Berlin, “John Stuart Mill and the Ends of Life” *Liberty* (Oxford: Oxford University Press, 1995).

James Bentham, *Introduction to the Principles of Morals and Legislation* (Oxford: Clarendon Press, 1996). Cap. I.

John Stuart Mill, *Autobiography* (London: The Floting Press, 1873).

John Rawls, *A Theory of Justice* (Cambridge, MA: Belknap Press, 1999) III, sec.

John Milton, *Paradise Lost*, Canto VI, 462-464.

Lucrecio, *De Rerum Natura*, próêmio do livro II.III, 830–1094. IV, 1037–1287. IV, 1121–1191;

Platão, *Fédon*, 64 a; 81a.

Richard Rorty, *Philosophy and the Mirror of Nature* (Princeton: Princeton University Press, 2018), 70-71.

Outras referências:

A.A. Long and David Sedley, *The Hellenistic Philosophers* (Cambridge: Cambridge University Press, 1987).

Catherine Wilson, *Epicureanism: A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2015).

James Warren (ed.), *The Cambridge Companion to Epicureanism* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009).

Keimpe Algra, Jonathan Barnes, Jaap Mansfeld and Malcolm Schofield (eds.), *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).